

O PT E AS TENDÊNCIAS: A SÍNTESE NECESSÁRIA - Por uma nova tipologia organizativa do PT e das tendências

Gerson Almeida¹, Rualdo Menegat²,
Rodrigo Azevedo³, Betânia Alfonso⁴,
Adão Villaverde⁵ e José Mário Neves⁶

"Deix depressa as asas humanas parecerem constituir um embaraço.

Quer as façamos grandes ou pequenas,
arrastando-se ou eretas, emplumadas ou lisas,
elas permanecem inertes: a imaginação não as segue;
a imagem, a estátua alada, não têm movimento."

GASTON BACHELARD, *O Ar e os Sonhos*.

I - 1º CONGRESSO DO PT: AS ASAS QUE FALTARAM

O PT pós-1º Congresso vive a forte contradição entre sua enorme força político-social e a desestruturação de sua vida partidária. Esta situação, diversas vezes apontada nos debates partidários, é abordada de diferentes maneiras, sem uma solução à vista. Em recente entrevista à *Isto é* (01/04/92, 1174), Hélio Bicudo caracteriza a situação como burocratizante. Para Augusto de Franco, coordenador nacional do 1º Congresso, em artigo na revista *Teoria & Debate* (N.17, 1º trim. 92), o 1º Congresso é avaliado apenas através da disputa de versões dos seus resultados e não daquilo que não produziu e deveria ter produzido. Já para a

Convergência Socialista e demais grupos sectários, a direção do PT pulou para a social-democracia. A Articulação e a DS, no entanto, procuram difundir as conquistas do 1º Congresso, todas elas situadas na reafirmação programática, inclusive na questão das quotas de mulheres na direção.

A disputa de "versões" acaba por passar a idéia de que o PT é tensionado por dois pólos irreconciliáveis: (i) o dos burocratas, direitistas e traidores - "os refundadores"; (ii) o dos esquerdistas, ortodoxos e sectários - "o PT das origens". Embora revele uma contradição, o embate desses pólos é incapaz de produzir um salto, uma transformação, porque é cego e surdo à trajetória histórica do partido. Na verdade, estamos diante de uma falsa polémica cuja finalidade é amplificar os projetos particulares existentes no interior do PT. Isto porque é necessário preencher o vazio de uma discussão que não criou asas no 1º Congresso, ou se criou, foi para um voo de curto alcance. Ou seja: ao par da reafirmação e avanço do programa - o que de fato ocorreu - era preciso avançar a síntese orgânica - o que não ocorreu.

A contradição que tensiona realmente o PT é aquela que se situa entre o irrefutável avanço programático - fruto de várias modalidades de sínteses e garantidor do enorme peso social e hegemônico no campo popular - e a "inerte" estrutura orgânica, incapaz de atrair efetivamente os cidadãos para a nova praxis que anuncia enquanto partido diferente dos demais. O PT parece ser um espaço estéril para criar vontades políticas que resultem na (e da) participação de milhares na vida partidária. Esta situação torna-se mais dramática se considerarmos que o PT sequer consegue atrair os militantes de outras batalhas, que construíram o PT em outros momentos e que contribuíram decisivamente para a tradição democrática, plural e de massas que desejamos. Para esta ampla geração de militantes, o PT causa uma sensação de profunda extra-

¹ Secretário Geral do PT/RS

² Tesoureiro do PT/RS (87-90)

³ Executiva PT/PA

⁴ Direção Metropolitana PT/POA

⁵ Ex-Presidente PT/POA

⁶ PT/RS

nheza, cujas respostas parecem não encontrar-se nos discursos simplistas e fáceis dos dogmas, aumentando a onda do ceticismo.

A resposta a essa "estranheza", que afasta cada vez mais os protagonistas de outros tempos e dos novos tempos, é a questão central do próximo período. As novas gerações de ativistas sindicais e populares aderem ao PT de uma forma "passiva" e com uma certa angústia com a falta de política em suas áreas, colocando um certo desencanto. Se não houver uma vontade hegemônica capaz de promover uma ampla síntese orgânica no partido, tal qual foi a síntese política ocorrida na sua fundação, o PT poderá perder suas chances de integrar milhares na atividade partidária e, assim, hegemonizar o campo democrático e popular no Brasil. Como diz Gramsci, *"esta ordem de fenômenos está ligada a uma das questões mais importantes, concernentes ao partido político: isto é, à capacidade de reação do partido contra o espírito consuetudinário, contra as tendências mumificadoras e anacronísticas. Os partidos nascem e se constituem em organizações para dirigir a situação em momentos historicamente vitais para as suas classes; mas nem sempre eles sabem adaptar-se às novas tarefas e às novas épocas, nem sempre sabem desenvolver-se de acordo com o desenvolvimento do conjunto de relações de força (portanto, a posição relativa das classes que representam) no país a que pertencem ou no campo internacional."* (Maquiavel, a Política e o Estado Moderno, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. 3 ed. p. 56).

II - AS VARIAS SÍNTESES DO PT: O AMADURECIMENTO PROGRAMÁTICO E A CRISE ORGANIZATIVA

O PT, enquanto uma nova proposta do campo socialista, é o resultado de várias sínteses programáticas e organizativas desenvolvidas ao longo de uma curta trajetória de 12 anos. Nela, enfrentou-se um regime militar, uma transição negociada, um "Brasil Novo", a

falência do totalitarismo estalinista no leste europeu e o advento da ofensiva neoliberal, além do desafio de governar.

A síntese político-programática, ao contrário de ser estática, acabada, doutrinária, permitiu que o PT avançasse de uma política de marcar posição, para outra, de disputar efetivamente o governo do país. Três momentos desse processo podem ser destacados. O primeiro, proporcionado pelo movimento de aglutinação de ativistas sindicais, das comunidades eclesiais de base, da esquerda revolucionária, que levou a fundação do PT em fevereiro de 80. A natureza dessa síntese, residiu em construir um partido de trabalhadores, classista, independente e democrático, organizado pela base, contrário ao capitalismo, ao sindicalismo pelego e ao reformismo estalinista, consignada pela palavra de ordem "PT sem pelego e sem patrão". O segundo, realizado no V e no VI encontros, proveu o Partido de um programa democrático-popular. O PT deixa o gueto. Esse programa criou as condições para um terceiro momento, que levou o PT ao governo das principais capitais do país e a desenvolver a campanha LULA com o êxito do "quase lá". O PT começa a realizar sua vocação para hegemonizar todo o campo popular.

A síntese no campo orgânico, contraditoriamente, tem se revelado de uma incrível dificuldade de realização e não amadureceu tanto quanto a síntese programática. Num momento inicial, afirmou-se a necessidade de um partido organizado pela base, não cupulista, trazendo no seu interior a diversidade de experiências dos movimentos sociais. Entretanto, esses aspectos eram insuficientes para mediar a distância entre as tarefas programáticas e a construção do sujeito político, propiciando nesse terreno os embates mais polarizados, como aqueles do "PT frente x PT partido", "O PT expressão dos movimentos x PT dirigente", "O PT de massas x PT de quadros". Essas discussões culminaram nas resoluções do V encontro, que

afirma o papel democrático, de massas e dirigente do partido e estabelece critérios para regulamentar o direito de tendências.

A natureza desse amadurecimento foi o abandono da idéia de uma tendência oficialista no interior do PT (Articulação 113) e a favor de uma idéia de pluralidade e democracia, substanciada na aprovação da proporcionalidade na Executiva Nacional do PT, no VII encontro. Se isso significou um avanço, ele é incompleto, pois não traduziu-se num fortalecimento efetivo da estrutura partidária, capaz de garantir um funcionamento de um partido de massas organizado e controlado pela base. A razão disso consiste no fato de que o partido ficou refém da capacidade organizativa de todos os setores que para ele confluíram, propiciando um avanço programático, sem, no entanto, abrirem mão de suas prerrogativas organizacionais autônomas. Incluem-se aqui todos (e não apenas as tendências mais barulhentas): os sindicalistas, a igreja, o MET, a articulação, a DS, a VS, a FS, a NE e, mais recentemente, a novidade dos coletivos de parlamentares.

A solução desse impasse depende agora da capacidade do PT realizar uma síntese orgânica capaz de torná-lo um sujeito político aglutinador de todos aqueles que querem um outro Brasil, constituindo-o num fórum da praxis orientada para a transformação revolucionária da sociedade. A carência organizativa do PT coloca lacunas importantes para o desenvolvimento do seu projeto estratégico. A permanência do atual quadro é altamente corrosiva ao projeto partidário. As eleições vindouras e o previsível crescimento eleitoral aumentarão os centros de poder partidário. Com isso, a tensão atual não estacionará, pelo contrário, aumentará a fragmentação da identidade política, o que aquece ainda mais a necessidade de resolvermos objetivamente os problemas da construção partidária através de uma ampla síntese orgânica.

O Iº Congresso, cuja expectativa era a de que a discussão criasse asas, não realizou essa síntese, perdendo-se numa discussão entre "refundadores" e "PT das origens". Sem um partido vivo, é muito difícil que a discussão crie asas e, quase impossível, desencadear uma ação criadora de consciências políticas capazes de alterar a inércia do campo popular para responder o projeto neoliberal no Brasil.

III - O ESGOTAMENTO PROGRAMÁTICO DA DS

As tendências de um modo geral e a Democracia Socialista, em particular, vivem uma profunda crise resultante de um esgotamento político-programático, cujo desfecho pode alterar os rumos da inércia organizativa do PT. Tal situação possui enorme significado para a esquerda revolucionária, pois é derivada não de disputas internas na avaliação da conjuntura internacional ou de interpretações das virgulas dos catecismos, mas da efetivação de um programa construído em três tempos, concomitantemente com a evolução da trajetória do PT.

O primeiro, deu-se no final dos anos 70, anterior ao PT, no qual a DS caracterizava-se por possuir como ponto programático a construção de um "partido de trabalhadores independente". Para tanto, definia-se como uma organização revolucionária cujos métodos, embora divergissem fundamentalmente dos partidos estalinistas, mantinham elementos da tradição militarista da esquerda brasileira, crescida no terror da clandestinidade. Seus métodos organizativos - clandestinidade e centralismo democrático - eram deduzidos da necessidade de proteger a ação política dos aparelhos repressivos do estado, à semelhança do modelo bolchevique de 17 e de inúmeros agrupamentos mundo afora.

O segundo, deu-se com o esforço da DS na fundação e construção do PT. A chave desse momento residiu na forma

lação programática, uma das mais felizes da esquerda brasileira, que caracterizou a possibilidade do PT evoluir para um partido revolucionário (o "PT/PR"). O PT como partido estratégico, justificava a necessidade da DS ter uma autonomia organizativa no interior do PT.

Tal formulação, elaborada no início da década de 80, condicionou todos os seus movimentos no interior do PT, conferindo-lhes clareza e decisão na construção partidária, característica hoje amplamente reconhecida por todos os petistas sérios.

A crise atual, a mais profunda de todas, deriva essencialmente da absorção paulatina pelo PT dos sete pontos capitais que a justificavam historicamente como tendência, desde a fundação do partido. São eles: "a) a democracia interna; b) a luta pela democracia operária e auto-organização do proletariado; c) a natureza dos países ditos socialistas, a democracia socialista; d) A relação do PT com a política de frente única operária; e) o internacionalismo; f) as reivindicações de transição; g) a independência política dos trabalhadores" (*Revista Perspectiva Internacional*, 1984, n. 8/9, pp. 11-12). Essa situação leva a DS a um evidente anacronismo em relação ao PT. Nem mesmo a recente mobilização em torno da proposta de quotas de mulheres para as direções conseguiu ocupar o espaço desse vazio, mesmo porque foi, felizmente, aprovada e contou com o apoio de mulheres e homens de várias tendências.

Dessa forma, a relativa autonomia organizativa da DS frente ao PT - autonomia que nada tem a ver com paralelismo ou dupla camiseta, como querem alguns - é colocada no pós-Congresso numa situação de cheque-mate. A discussão a ser feita não é do tipo diluir-se ou não no PT, mesmo porque a política de não diluição pode significar que o PT engula mais uma corrente como tantas outras que não entenderam a

natureza do seu surgimento e construção. A Democracia Socialista tem história e ousadia suficiente para avaliar como positivo seu papel em consonância com os avanços alcançados pelo PT. A questão central é, pois, atualizarmos a concepção PT/PR e reconhecermos que o PT é um Partido Revolucionário. E, ao dizermos que ele é revolucionário, queremos dizer não apenas que ele objetivamente o é, pois isso já dizíamos quando da sua fundação, mas que as respostas dadas hoje à crise do socialismo o tornam um dos principais centros de renovação da esquerda socialista revolucionária no mundo.

De outro modo, se for considerado o risco de burocratização do PT, como justificativa da autonomia das tendências, é fácil verificar que o maior risco não está mais localizado em possíveis lacunas programáticas, mas sim na esquizofrenia que o divide entre o partido de grande avanços teóricos e eleitorais e a sua brutal inorganicidade. Um partido que se "dissolve" abaixo de suas direções (quando essas também não se diluem) caminha para o mesmo abismo no qual já despencaram inúmeros partidos socialistas e frustram os melhores sonhos dos melhores lutadores sociais desse país. E isso tem muito haver com a DS e as tendências, pois o esforço de iniciação da militância dá-se através das mesmas e não do partido.

Dessa análise, derivaria o terceiro momento, que ainda não ocorreu: o da DS abrir mão da sua autonomia frente ao PT e contribuir decisivamente para a mudança da tipologia da relação das tendências com o partido e, por conseguinte, da organicidade partidária como um todo. Hoje, o fato de terem existido tendências do PT anteriores ao mesmo possui um significado apenas para a história da esquerda, com todas suas lições. Objetivamente, é muito mais importante para a esquerda no mundo inteiro que o PT seja um partido com tendências do que um partido de tendências. Caso contrário, partimos do pres

suposto de que existem razões na DS que não podem ser conhecidas pelo partido, o que duvidamos seriamente. Ou, ainda, caso o PT seja derrotado como experiência histórica, haveria chances para o crescimento de grupelhos esquerdistas. Ora, se o PT for derrotado, não será a derrota apenas do PT, mas de toda a classe trabalhadora, de todos os oprimidos, despossuídos e progressistas desse país. Será também uma derrota da esquerda no mundo.

Para não nos atermos apenas nesses aspectos, devemos considerar, também, a caracterização teórica mais cara a todo o dessista: a de partido revolucionário. Existem duas situações em que um partido pode ser definido como revolucionário. Uma, quando o partido (ou organização) é o resultado da construção de uma tradição intelectual marxista-revolucionária. Na América Latina, essa tradição é tênue e tal definição vale mesmo para a velha Europa e para a IV Internacional. A outra, é quando o partido dirige a revolução socialista. Ora, objetarão muitos, o PT não se enquadra em nenhuma das duas situações. Tal objeção não procede. O PT cumpre mais uma vez a marca que o acompanha desde sua fundação: o ineditismo frente a modelos acabados. E claro que o PT não se coaduna com as situações esboçadas, porém, é igualmente correto que o PT hoje é a experiência mais cara a toda esquerda revolucionária do planeta (e isto o teórico Michael Lowy afirmou publicamente), a todos progressistas desse mundo. Essa experiência dobrou sua importância com a queda do estalinismo no leste europeu e com o agravamento da crise nacional no Brasil. Hoje, o PT é um modelo de construção partidária mais influente do que o bolchevique. Não reconhecer isso, é vocacionar-se a construir seitas e princípios, mais afeitos à religião do que à política. Eis o centro do esgotamento político-programático da DS: reconhecer o PT como revolucionário!

Tal reconhecimento, que fazemos, é também o reconhecimento da trajetória

exitosa e ímpar da Democracia Socialista vista sob o ângulo de uma organização revolucionária que evoluiu para uma tendência do PT e que agora, esperamos, evolua para uma nova tipologia de tendência no PT. Esse fato é único também no seio das organizações e partidos que integram a IV internacional, organização que possui, junto com o PT, o mesmo programa quanto ao feminismo, à crise do leste, à Nicarágua, etc. É certo que o PT possui imprecisões programáticas quanto ao internacionalismo. Mas nada que seja insuperável ou completamente distinto de outros agrupamentos dentro da própria IV. Inclusive este debate o PT pode realizar hoje ele mesmo com a internacional, como tem feito com inúmeras outras organizações de esquerda no mundo. Sob pretexto algum a DS deve "proteger" esse contato. Pelo contrário, desde já devemos incentivá-lo e o temos feito. Para a IV é muito melhor um contato com o PT enquanto um todo. Para o PT, temos certeza, constitui-se numa possibilidade de aprofundar questões sobre os desafios do movimento de esquerda internacional na contemporaneidade.

A Democracia Socialista, como todas as demais "tendências", devem aglutinar-se partindo do acúmulo alcançado pelo PT hoje, ou seja, das resoluções do Iº Congresso. Nesse processo está a chave para a revitalização da estrutura partidária e da sua organicidade. As tendências devem dedicar seu tempo na construção da organicidade do PT e não das suas próprias instâncias. Na discussão dos avanços firmados no Iº Congresso, de modo a sinalizar quais os novos avanços necessários. Muitos chamam isso de diluição. Preferimos chamar de coroamento de uma trajetória. Única no Brasil, tanto quanto é único o PT. Tal fato não significa, *in continentis*, abrir mão do direito de tendências. Quem o faz, não apenas se dilui, mas joga água num projeto monolítico antecessor do burocratismo e da degeneração político-programática. Na tipologia atual, com tendências permanentes e centralizadas, portanto tendências de

posição, os organismos partidários existem apenas a nível de direção e tornam-se verdadeiros fóruns de comissários dos agrupamentos. Atendem, portanto, aos requisitos da diplomacia, quando muito, e não da ação política. Essa sim é que precisamos resgatar: a vontade de milhares pela ação política apaixonada e revolucionária. Em Gramsci, encontramos a seguinte passagem sobre esta situação: "Na verdade, pode-se dizer que um partido jamais se completa e se forma, no sentido de que cada desenvolvimento cria novas missões e encargos e no sentido de que, para determinados partidos, é verdadeiro o paradoxo de que eles só se completam e se formam quando deixam de existir, isto é, quando a sua existência se tornou historicamente inútil." (op. cit., p. 25).

**IV - PROPOSTAS PARA A SÍNTESE:
por uma nova tipologia organizativa do PT.**

A idéia amplamente difundida na esquerda é a de que organização partidária é (era) sinônimo de modelo leninista de partido. Poucos se empenharam em ver o Lênin do "Que fazer?" como teoria, ao invés de um modelo. O peso da leitura estalinista contribuiu significativamente para essa deformação que gerou uma camisa de força na arte de organizar a paixão e as vontades políticas. Mas não só.

A derrubada das estátuas de Lênin no leste europeu produziu uma enorme ausência de referencial de modelo de organização partidária. O PT de tendências vive uma crise resultante também da derrocada de um modelo que condicionou a praxis da esquerda durante décadas sem sofrer inovações. As razões disso, entre outras, devem-se ao fato de que o centralismo democrático era quase sinônimo de clandestinidade e, em nome da segurança de todos, o modelo ia protegendo-se do questionamento.

A inovação que foi o surgimento do PT foi arrefecida na medida em que

construí-lo significava cada vez mais condicioná-lo ao modelo. Como isso não ocorreu, as tendências que seguem o modelo leninista abrigam-se na falsa idéia de que se o todo não se "protege", a parte pode fazê-lo. O problema é que tanto não há razões para a clandestinidade, como a "proteção" da parte é insignificante diante de um confronto generalizado. Isso não significa descaso para com o aparato repressivo do estado, mas a elaboração desta questão envolve necessariamente considerações que devem partir do todo e não da parte. Podemos, sem dúvida, chegar vivos no outro lado do Atlântico com um simples barco a remo. Mas isso será devido mais ao acaso do que à razão. Logo, a "clandestinidade" das tendências hoje não é a nossa segurança e, na verdade, a clandestinidade é em relação ao PT! E isso tem um claro significado: o PT é uma frente, e não um partido, assim como muitos pensavam quando da sua fundação, e talvez seja esta uma das razões da defesa do "PT das origens". Se para alguns o PT não é a alternativa de transformação revolucionária, é legítimo que construam a sua própria visão, mas fora do PT.

É fácil perceber que o modelo, com sua meia dúzia de chavões vencidos pela história, asfixiou a discussão da teoria. Se é verdade que o modelo morreu, o mesmo não podemos dizer da teoria. O Livro Teoria Leninista da Organização de Ernest Mandel é um raro esforço no sentido da elaboração de uma teoria e não de um modelo de organização do partido revolucionário. Isso porque o modelo é sempre um resultado singular, portanto de contingência histórica. Não podemos importar/exportar modelos. A esquerda de 68 que o diga. Entretanto, é possível extrair deles os elementos universais, da experiência (praxis) que contém, de modo que se o modelo morreu, podemos dizer: viva a teoria! É o que a teoria leninista de organização diz, certamente causa desconforto aos agrupamentos presos aos modelos que asfixiam as idéias. Veja-se, por exemplo, a riqueza incontestável

desta passagem sobre as tarefas do partido revolucionário: *"A consciência da classe operária [do cidadão] não pode ser uma consciência política verdadeira se os operários [os cidadãos] não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas: a reagir justamente do ponto de vista social-democrata [revolucionário], e não de qualquer outro ponto de vista."* (*Que fazer?*, p. 55; entre chaves, atualização livre das palavras originais; o itálico é original). O sindicalista Vicentinho deve ter lido o *Que fazer?* ao propor o fórum contra a recessão e aqueles que defendem o "classismo" como sinônimo de xenofobia não encontram guarida no receituário que dizem defender. E isto é próprio do dogmatismo.

O modelo desvaneceu-se, abrindo espaço para o debate de idéias, para o questionamento dos dogmas e, com ele, o conceito de hegemonia ganha atualidade em todos os poros da ação política. Essa é a via para que a discussão, além de criar asas, crie fundamentalmente uma ação partidária capaz de gerar consciências revolucionárias. Enquanto as idéias ficarem presas aos "mecanismos do modelo", teremos, no partido, a privação de idéias, por que seus fóruns prendem-se a discussão de formulações acabadas ao invés de reinventá-las. Esse procedimento é possível hoje graças aos interesses particulares de cada agrupamento, que tornam estéril o debate nas instâncias partidárias. O debate, só é acessível aos "iniciados", aos que entenderem o jogo das formulações, os interesses que estão por trás das vírgulas. A iniciação só tem lugar na tendência. O partido, sendo incapaz de iniciar os cidadãos à prática política, afasta-se dos movimentos e aproxima-se do modelo tradicional/conservador de política.

Esta crítica à prática do partido de tendências de posição ainda não conflui para uma prática crítica do par

tido com tendências de opinião, embora encontre resoluções no 1º Congresso que ampare esse movimento. A efetividade de uma prática crítica reside nas possibilidades de renovação das direções nos encontros vindouros que, premidos pelas eleições, poderão tangenciar mais uma vez a urgência de soluções da vida partidária. Se não criarmos uma vontade hegemônica de trazer milhares para a vida partidária, não invertemos a situação de balcão de comissários de agrupamentos que se tornou o PT. Essa é a estranheza que muitos anunciam. A impossibilidade de sair da ciranda circunscrita a uma tipologia organizativa de tendências de posição absolutamente esgotada. E Gramsci quem faz o alerta: *"A burocracia é a força consuetudinária e conservadora mais perigosa: se ela chega a constituir um corpo solidário, voltado para si e independente da massa, o partido acaba se tornando anacrônico, e nos momentos de crise aguda é esvaziado do seu conteúdo social e permanece como que solto no ar."* (*op. cit.*, p. 56).

A síntese que precisamos é da reformulação da nossa praxis - também de caráter orgânico. As resoluções do 1º Congresso abrem caminho para isso. É preciso dar-lhes forma, o movimento. Asas que faltaram, mas que temos a tarefa coletiva de construir. A conjuntura nacional cada vez mais mostra-se bipolarizada - eles x nós - bipartidária - os partidos do sim senhor ao projeto neoliberal e o partido de uma alternativa global que precisa hegemonizar vários setores. O PT precisa ser um espaço de ação política de massas, de construção do bloco histórico, de construção de consciências revolucionárias.

As seis propostas a seguir, ao serem feitas para a DE, são extensivas a todos os tipos de agrupamentos e pretendem inverter esse curso. Fundamentalmente, pretendem que o partido crie condições para sua ampliação de massas, aproveitando o momento das eleições, preparando-o desde agora para o embate

de 94, e inviabilizando que a palavra "quase" se anteponha mais uma vez à palavra "lá": LULA LÁ!

1. Os núcleos são espaços amplos e privilegiados da base do partido. É nos núcleos que deve ocorrer o debate de idéias e ações partidárias.
2. A organização do PT é feita em torno das idéias do programa, e não da idéia de centralismo da direção. O PT, tal qual expressam suas resoluções no Iº Congresso, deve reinventar o tradicional modelo no qual a questão primeira da organização é a hierarquia de mando. Queremos vontades coletivas, criadoras, para enfrentar os adversários em todas as formas possíveis. Precisamos da diversidade, não de esquemas hierárquicos rígidos.
3. A ação partidária deve ser unificada. A discussão interna no PT interessa ao PT. Sua publicidade, no entanto, não deve ser restrita ao partido quando para fins de debate, mas sim quando para fins da ação política concreta.
4. A síntese organizativa do PT visa criar as condições para um partido de massas, democrático e de lutas capaz de organizar milhares no seu interior. Essa tarefa é de todos os revolucionários petistas.
5. A imprensa das tendências não é necessária. Toda sua estrutura deve reverter para o fortalecimento da imprensa partidária, na qual todos poderão expressar-se. Propomos uma edição final para o jornal EM TEMPO, resgatando nossa história e nosso programa que, agora, fazem parte da história e do programa do PT. A estrutura do jornal, fruto do trabalho coletivo, deve ser doada ao partido, como início de um esforço para o resgate da memória partidária.
6. As tendências devem ser de opinião e transitórias, porque se organizam em

torno de idéias. Portanto, constituem-se e dissolvem-se de acordo com a dinâmica do debate partidário. Nas disputas políticas, devem apresentar opiniões ao partido, chamando todos ao debate sem nenhum centralismo que não a adesão pelo convencimento político. Células, organismos e outros fóruns de base das tendências de posição não se fazem necessários. Sobrecarregam os militantes que poderiam produzir muito mais se dedicassem seu tempo às instâncias partidárias. Além disso, esses organismos via de regra encontram-se enredados pelo administrativismo que rebaixa a discussão e contribui para o arrefecimento da ação política.

Na situação de crise em que todas as tendências se encontram, não há dúvidas sobre o grande impacto que um decidido posicionamento de todos os militantes identificados com a DS em direção à construção orgânica do PT, sem qualquer reserva, causará. Imediatamente, isso representaria a constituição de centenas de núcleos nos mais diversos movimentos sociais; a organização dos diferentes setores de intervenção partidária e elaboração de propostas políticas para os movimentos; a dinamização da imprensa partidária; a melhoria do perfil de arrecadação financeira; a confirmação da idéia de um partido militante e de lutas, controlado pela base; e, sobretudo, um movimento que pode gerar vontades políticas novas, em espaços arejados, no conjunto de toda a militância e ativistas, hoje apáticos e sem portas de entrada no PT que não sejam as tendências.

Com certeza, tal perfil amplificará em muito a capacidade do PT em enfrentar os desafios colocados aos socialistas na contemporaneidade, sem ficar paralisado e sabendo construir um partido capaz de organizar milhões. As resoluções foram tomadas no Iº Congresso. A todos cabe realizá-las radicalmente, desembaraçando as asas da vontade política e devolvendo ao PT a riqueza que pode produzir um novo socialismo, sem estátuas, porque, essas sim, não podem voar.